

DO ÍNTIMO AO ESCANCARADO: UMA ANÁLISE DE MANCHETES DE NOTÍCIAS À LUZ DO SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

FROM INTIMATE TO EXPOSED: ANALYZING OF NEWS HEADLINES IN LIGHT OF THE APPRAISAL SYSTEM

Dharvind Anacleto Aguiar¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
<https://orcid.org/0009-0009-2580-3620>
dharvind@aluno.puc-rio.br

Adriana Nogueira Accioly Nóbrega²

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
<https://orcid.org/0000-0002-0194-0120>
adriananobrega@puc-rio.br

RESUMO: Por meio do Sistema de Avaliatividade, no prisma da Linguística Sistêmico-Funcional, este trabalho investiga, a partir de escolhas léxico-gramaticais, a presença de recursos linguísticos avaliativos em manchetes de sites de notícias que divulgaram um comentário feito pelo jornalista Marcelo Cosme sobre sua família, em rede nacional, enquanto apresentava o Jornal Hoje. Também refletimos, sob o viés teórico dos estudos queer em Linguística Aplicada Contemporânea, acerca da (des)essencialização das práticas sociais e discursivas, problematizando, sobretudo, a visão de estranhamento direcionada às performances discursivas de pessoas LGBTQIA+. A análise indica que as manchetes refletem o posicionamento implícito de quem as redigiu no que se refere ao comentário de Cosme, julgado negativamente nos âmbitos da estima social e da sanção social. Os entendimentos criados apontam a necessidade de queerizarmos/desessencializarmos nossas práticas sociais e discursivas em prol da construção de um mundo contemporâneo que aprecie a diversidade e que respeite as vidas LGBTQIA+.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística aplicada contemporânea; Estudos queer; Desessencialização; Avaliatividade; Manchetes.

ABSTRACT: Through the Appraisal System, within the framework of Systemic Functional Linguistics, this study investigates, based on lexico-grammatical choices, the presence of evaluative linguistic resources in headlines from news websites that reported a comment made by journalist Marcelo Cosme about his family on national television while hosting “Jornal Hoje”. We also reflect upon the (de)essentialization of social and discursive practices questioning, above all, the sense of estrangement directed towards the discursive performances of LGBTQIA+ individuals from the theoretical perspective of queer studies in Contemporary

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PPGEL/PUC-Rio). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

2 Doutora em Letras/Estudos da Linguagem. Professora Associada do Programa de Pós-Graduação Estudos da Linguagem (PPGEL/PUC-Rio).

Applied Linguistics. The analysis indicates that the headlines reflect the implicit stance of their authors regarding Cosme's comment, which was negatively judged in terms of social esteem and social sanction. The insights generated point to the need to queerize/de-essentialize our social and discursive practices in favor of building a contemporary world that values diversity and respects LGBTQIA+ lives.

KEYWORDS: Contemporary applied linguistics; Queer studies; De-essentialization; Appraisal system; Headlines.

“Tudo seguia o caminho dito como natural, até a repressão sobre ser quem sempre fui.”
(COSME, 2021, p. 14)

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste trabalho, propomos a análise de manchetes de sites de notícias que divulgaram um comentário feito pelo jornalista Marcelo Cosme, no dia 20 de maio de 2023, enquanto apresentava o Jornal Hoje, na Rede Globo de televisão. Nesse contexto, o objetivo é investigar a presença de recursos linguísticos avaliativos nas manchetes, a partir das escolhas léxico-gramaticais feitas pelos autores das notícias. Além disso, buscamos refletir acerca da (des)essencialização nas/das relações sociais, mas, sobretudo, problematizamos a visão de estranhamento e de não naturalização direcionada, ainda hoje, às relações queer.

Para isso, filiamos-nos aos estudos queer em Linguística Aplicada (LA) (MOITA LOPES et al, 2013, 2022; BORBA, 2015) com o fito de criar inteligibilidades sobre discurso, gênero e sexualidade na contemporaneidade. Isso significa que este trabalho é de caráter qualitativo e interpretativista (DENZIN; LINCOLN, 2006), já que objetiva entender a socioconstrução das relações sem a pretensão de quantificar resultados. Para a análise das manchetes, por sua vez, alinhamo-nos ao Sistema de Avaliatividade (SA) (MARTIN; WHITE, 2005), pautado na concepção sociosemiótica de linguagem proposta pela Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Este trabalho, portanto, organiza-se em quatro partes. Na primeira delas, discutimos sobre os pressupostos teórico-reflexivos que orientam a análise. Em seguida, apresentamos a metodologia utilizada, os construtos teórico-analíticos segundo os quais se fundamenta a investigação e, também, o contexto ao qual a pesquisa se insere. Na terceira parte, desenvolvemos a análise das manchetes e discutimos sobre os resultados. Por fim, encerramos este trabalho com algumas reflexões por nós produzidas a partir das observações realizadas.

2. CONSTRUTOS TEÓRICO-REFLEXIVOS

Para uma melhor compreensão dos construtos teóricos que fundamentam este trabalho, bem como para fins de organização, devemos dizer que separamos esta seção em três subseções, sendo

que, primeiramente, discorreremos sobre a mídia e suas práticas discursivas, sob o olhar de linguistas críticos. Ademais, também trazemos a noção de desessencialização como um dos alicerces teóricos da Linguística Aplicada Contemporânea. Já na terceira subseção, discutimos sobre o termo queer e sobre as contribuições dos estudos queer em LA, além de defendermos a necessidade cada vez mais urgente de queerizarmos, isto é, desessencializarmos as práticas sociais e discursivas.

2.1. A MÍDIA

Não é novidade que a mídia, em suas múltiplas manifestações (jornal, revista, televisão, internet, rádio etc.), ao longo de décadas, tem desempenhado um importante — mas perigoso — papel na sociedade, o qual é capaz de formar opiniões, além de (re)produzir padrões sociais e de proliferar ideias sobre os mais diversos assuntos e em quaisquer esferas da vida contemporânea. É por esse motivo que linguistas e estudiosos como Fairclough (1995), Van Dijk (1998) e Moita Lopes e Fabrício (2005), que se debruçam sobre os discursos midiáticos, compreendem esse meio de comunicação social como um tipo de construção política e ideológica, uma vez que “os textos midiáticos [...] contribuem para a reprodução e cristalização de relações sociais de dominação, embora também possam operar, em princípio, para a transformação.” (MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2005, p. 256).

Um dos maiores perigos dessa atuação da mídia na manutenção das relações sociais de dominação reside no fato de que ela ocorre de maneira implícita. Isso porque as notícias, por exemplo, que em tese apenas informam o leitor sobre algum acontecimento cotidiano, também podem moldar sua opinião, já que não existe discurso livre de ideologias e, portanto, nenhuma interpretação discursiva de algum fato é neutra ou objetiva (MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2005). Logo, até mesmo as escolhas léxico-gramaticais de uma notícia refletem as visões de mundo de quem a redigiu. Nesse sentido, é perigoso que termos utilizados para referenciar pessoas, lugares, acontecimentos etc. sejam entendidos como mera descrição ou que opinião seja confundida com fato consumado (RAJAGOPALAN, 2003).

Isso ocorre porque a prática discursiva, compreendida como construção política e ideológica, de acordo com Fairclough (2001), é capaz de essencializar as relações de poder, uma vez que o discurso

naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder. Como implicam essas palavras, a prática política e a ideológica não são independentes uma da outra, pois a ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94)

Nessa perspectiva, a compreensão de que as práticas sociais e discursivas podem atuar para a manutenção ou para a transformação das relações de poder ganhou destaque nos estudos linguísticos, com a chamada “virada linguística e cultural”, como se observa a seguir.

2.2. A LINGUÍSTICA APLICADA CONTEMPORÂNEA

Também chamada de virada icônica, a reconfiguração de paradigma pelos quais passaram os estudos linguísticos e filosóficos, no século XX, fez com que áreas como a LA tivessem suas bases epistemológicas revisadas. A partir disso, desenvolve-se, nesses estudos, uma orientação crítico-reflexiva que investiga o papel da linguagem na sociedade e que interroga as práticas sociais na contemporaneidade (FABRÍCIO, 2006). Alinhado a essa concepção, Rampton, em 2006, provocou-nos com questionamentos sobre o que ocorreria se os estudos em humanidades e em ciências sociais passassem a focalizar as margens e não os centros; se as discussões contemplassem a política, a ideologia, a exclusão, a resistência; se o antiessencialismo se tornasse pauta nos debates e os pesquisadores comesçassem a ver as relações humanas como construções sociais no aqui e no agora (RAMPTON, 2006).

A essas questões, portanto, respondemos: ocorreu e ocorre o surgimento de trabalhos como este, cuja finalidade é construir entendimentos responsivos à vida social (MOITA LOPES, 2009), criando alternativas sociais juntamente com as vozes dos que estão à margem e politizando o ato de pesquisar (MOITA LOPES, 2006). É por essa razão que este estudo se ancora à Linguística Aplicada Contemporânea (MOITA LOPES et al, 2006, 2013, 2022; RAJAGOPALAN, 2011), a qual é crítica (RAJAGOPALAN, 2003) e transgressiva (PENNYCOOK, 2006), pois propõe a desaprendizagem (FABRÍCIO, 2006) e a desconstrução de epistemologias e de práticas sociais tradicionais, normativas e essencialistas que marginalizam e violentam sujeitos que delas se desviam.

Para Fabrício (2006), os estudos em LA que apostam nos descaminhos e na desaprendizagem de conhecimentos tidos como verdades incontestáveis conseguem responder mais fecundamente às problematizações do mundo contemporâneo, além de entender melhor os sujeitos e as construções de sentidos na atualidade. Isso porque, ainda segundo a linguista, a LA como prática questionadora coloca-se em movimento contínuo e suspeita dos sentidos usuais. Em outras palavras, a produção de conhecimento em LA deve mover-se em constante autorreflexão, de modo a desnaturalizar tradições epistemológicas e a desessencializar as relações e as práticas sociais e discursivas, somando-se à pluralidade e à diversidade contemporâneas.

Tal postura, neste trabalho, é justificada pela necessidade de valorização das diversas formas de sermos e de atuarmos no mundo. Nesse contexto, é preciso entender que a mistura e a pluralidade (das práticas, dos conhecimentos, das identidades etc.) não são negativas (FABRÍCIO, 2006). Portanto, uma LA que se engaja na desontologização da relação entre linguagem e diversidade é capaz de amplificar a voz de sujeitos que estão à margem da sociedade, quais sejam pessoas com deficiência, LGBTQIA+, população de baixa renda, mulheres, negros/as, indígenas etc. Com efeito, rompe-se com significações sociais normativas que, apesar de fantasiadas de práticas substanciais/naturais pré-determinadas, não passam de produções de sentidos sobre os modos de vida, as quais são, como já mencionado, socialmente construídas.

É por isso que, na subseção seguinte (e, de maneira geral, ao longo de todo o trabalho), alinhamo-nos aos estudos queer em LA para propor a queerização das práticas sociais e discursivas.

2.3. OS ESTUDOS QUEER EM LA

Antes de discutirmos de fato sobre os estudos queer em LA, entendemos que é necessária uma breve conversa sobre o termo queer. Nesse contexto, convocamos a voz de Louro (2001, p. 546 apud BORBA, 2015, p. 96), para quem queer representa um posicionamento contrário a qualquer tipo de normalização, ou seja, significa a diferença, cuja forma de ação não apenas é transgressiva como também perturbadora. Borba (2015), por sua vez, explica que o termo em questão, que inicialmente foi designado de forma vexatória e pejorativa a mulheres e homens homossexuais, no final da década de 1980, foi apropriado por esses grupos em um ato político. A partir disso, de acordo com o linguista, teóricos/as gays e lésbicas também ressignificaram o termo, que passou a definir os estudos que se debruçavam sobre a homossexualidade.

Borba (2015) elucida, então, que há dois sentidos distintos para a palavra queer, sendo que o primeiro deles, de modo geral, diz respeito a grupos de gays, lésbicas e transgêneros, enquanto o outro significado se refere à área de estudos sobre essa população. Assim, no que concerne aos estudos queer, o linguista argumenta que os/as teóricos/as dessa área

têm como alvo direto de investigação e crítica a construção da heteronormatividade, ou seja, as regras que normatizam e naturalizam a heterossexualidade como modo “correto” de estruturar o desejo. Destarte, um dos principais construtos teórico-metodológicos dessa teoria é a desnaturalização/desontologização do que é considerado normal e, por conseguinte, daquilo que é relegado à zona da anormalidade. (BORBA, 2015, p. 96)

Nessa toada, Moita Lopes (2022) relembra-nos da revolução provocada por Butler, inclusive entre as próprias feministas, quando defendeu que a essencialização do gênero impunha limites aos corpos das mulheres e que, por isso, era algo pernicioso. É importante destacar, portanto, que Butler é reconhecida como uma das precursoras das teorizações queer. Em sua obra intitulada Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade, a filósofa norte-americana questionou conceitos até então essencializados, como o conceito de gênero, que, para Butler ([1990] 2018, não paginado), “é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.” Dessa forma, o gênero se origina a partir de um fazer performativo, o qual constrói sentidos sobre quem somos na sociedade (BUTLER, [1990] 2018).

De maneira semelhante, Borba (2015, p. 97) entende que a heteronormatividade também é construída a partir de regras produzidas socialmente, as quais “controlam o sexo dos indivíduos e que, para isso, precisam ser constantemente repetidas e reiteradas para dar o efeito de substância, de natural.” Conforme defende o linguista, esse efeito de substância causado pela heteronormatividade é performativo, na medida em que, sendo reiteradamente repetido, é capaz de produzir o que nomeia, reforçando, então, as normas de gênero (BORBA, 2015).

É, portanto, a partir da interação discursiva que, performativamente, o gênero emerge (MOITA LOPES, 2022). Trocando em miúdos, podemos afirmar que existe gênero porque o discurso

existe. Logo, de acordo com Borba (2015), filiar-nos aos estudos queer significa problematizar os discursos sobre sexualidade, os quais normatizam determinados sujeitos ao passo que outros são marginalizados.

Sob esse viés, se desejamos, enquanto linguistas aplicados, queerizar não apenas os estudos linguísticos, como também as práticas sociais e discursivas, devemos olhar criticamente para qualquer sentido de essencialização que seja atribuído aos corpos, conforme argumenta Moita Lopes (2022). Não à toa, defendemos uma ideologia linguística “que vai ao encontro das teorizações queer e de sua preocupação crucial com a desessencialização ou a descristalização de quem somos [...]” (MOITA LOPES, 2022, p. 33).

Sendo assim, essa postura adotada representa a nossa preocupação com os estudos da linguagem, bem como o nosso compromisso com a construção de uma sociedade mais (auto)crítica, justa e livre de preconceitos. Nossa contribuição se dá, portanto, por meio da promoção da reflexão sobre os discursos que circulam socialmente, que podem ser esmiuçados por meio de diversos construtos teórico-analíticos. Na próxima seção, apontamos os pressupostos utilizados, especificamente, nas análises do presente estudo.

3. METODOLOGIA, CONSTRUTOS TEÓRICO-ANALÍTICOS E CONTEXTO DE PESQUISA

Este trabalho tem como viés metodológico o paradigma de pesquisa qualitativo e interpretativista (DENZIN; LINCOLN; 2006). Isso porque a análise aqui apresentada, em vez de mensurar resultados, figura a nossa compreensão, enquanto pesquisadores, sobre o objeto estudado, baseada em “um conjunto de crenças e sentimentos [nossos] em relação ao mundo” (DENZIN; LINCOLN; 2006, p. 34). Nesse sentido, concordamos com Moita Lopes (2013) quando afirma que não é possível estudar questões relacionadas a gênero, sexualidade, raça etc. de maneira essencializada e quantificável, pois

[q]ualquer possibilidade de desessencializar teoricamente nossas sociabilidades vai na contramão de metodologias que operam com padronizações, significância estatística, variáveis dependentes e independentes etc., uma vez que tal metodologia necessariamente inclui essencializações dos sujeitos sociais e padronizações de variáveis para as pesquisas serem levadas a efeito, o que descortina, portanto, incoerências teórico-metodológicas. (MOITA LOPES, 2013, p. 231)

Ressaltamos, ainda, que essa postura de nos contrapormos aos modos engessados de fazer pesquisa quantitativa não significa dizer que vale tudo (FABRÍCIO, 2006) nas pesquisas de caráter qualitativo. Por isso, na próxima subseção, discorreremos sobre os construtos teórico-analíticos que nos auxiliaram nas interpretações e que possibilitaram a realização de uma análise responsiva aos estudos linguísticos brasileiros. Por último, na subseção seguinte, explicamos o contexto desta pesquisa.

3.1. SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

O SA (MARTIN; WHITE, 2005) é um instrumento de análise que possibilita identificar gostos, emoções e avaliações nos discursos de falantes/escritores. Essas interações textuais podem ser explícitas ou implícitas, expressas com maior ou menor grau de intensidade e de solidariedade com o ouvinte/leitor. Dito de outra forma, nas palavras de Vian Jr., Souza e Almeida (2010, p. 11), o SA pode ser entendido como “um conjunto de significados interpessoais que se debruça sobre os mecanismos de avaliação veiculados pela linguagem, configurados em um sistema que oferece aos usuários possibilidades de utilizar itens avaliativos em suas interações cotidianas.”

Antes de prosseguir, precisamos destacar que é na LSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) que se alicerça a base teórica do Sistema de Avaliatividade. A LSF, então, pode ser caracterizada como uma teoria social, a qual encontra na sociedade e no contexto de uso os fundamentos para estudar a linguagem; e como uma teoria semiótica, uma vez que se ocupa da linguagem em suas diversas manifestações (BARBARA; MACÊDO, 2009). Ou seja, trata-se de uma teoria que busca responder de que modo, onde, porque e para que, enquanto indivíduos e sociedade, usamos a língua(gem). Sendo assim, conforme Halliday e Matthiessen (2014, p. 23) “[...] a análise sistêmica revela que a funcionalidade está intrínseca à linguagem: quer dizer, toda arquitetura da linguagem está organizada em linhas funcionais.”

Nesse sentido, o SA inscreve-se na metafunção interpessoal, que, por sua vez, relaciona-se às interações sociais exercidas discursivamente pelos falantes/escritores. Além disso, vale lembrar que esse sistema interpessoal está situado no estrato da semântica do discurso e é realizado no estrato da léxico-gramática (VIAN JR, 2010). Nesse contexto, as ferramentas disponibilizadas pelo SA para a análise de avaliações discursivas partem de três subsistemas: Atitude, Gradação e Engajamento (grafados com a primeira letra maiúscula para evitar confusão com os usos corriqueiros dessas palavras).

O subsistema Engajamento investiga as negociações de sentidos e as vozes presentes no discurso. Já o subsistema Gradação, revela o grau de intensidade das avaliações. Por último, mas não menos importante, uma vez que é sobre ele que nos debruçamos neste trabalho, o subsistema Atitude evidencia a natureza atitudinal (sentimentos, gostos, julgamentos etc.) da avaliação. A escolha, então, se justifica em razão do lugar central ocupado por esse subsistema no processo avaliativo (ALMEIDA, 2010). Desse modo, no que se refere ao subsistema Atitude, Martin e White (2005) o dividem em três tipos de recursos, quais sejam: Afeto, Julgamento e Apreciação. Esse é usado para atribuir valor às coisas, enquanto o Julgamento avalia o caráter e, por fim, o Afeto é utilizado para expressar emoções (VIAN JR, 2010).

Como mencionamos acima, focalizamos neste trabalho o subsistema Atitude, mais especificamente, porém, o recurso Julgamento. Isso porque essa categoria semântica oferece meios que possibilitam avaliar positiva ou negativamente o comportamento dos indivíduos, a partir de variados princípios normativos (MARTIN; WHITE, 2005). Também cabe ressaltar que o Julgamento revela a utilização (explícita ou implícita) da linguagem avaliativa, a qual pode expressar crítica/

elogio e/ou condenação/exaltação no que diz respeito ao comportamento humano (IKEDA, 2010).

Nesse prisma, são duas as categorias que compõem o recurso Julgamento: estima social e sanção social. A primeira, de acordo com White (2004, p. 187 apud NUNES; CABRAL, 2013, p. 252), tem a ver com “avaliações que podem levar o indivíduo a ser elevado ou rebaixado na estima de sua comunidade, mas que não possuem implicações legais ou morais”. Além disso, os julgamentos de estima social podem se dar no âmbito da normalidade, da capacidade e da tenacidade, como se observa no Quadro 1:

Quadro 1: Estima social

JULGAMENTO DE ESTIMA SOCIAL		
Normalidade	o quão especial alguém é?	<i>Excêntrico, normal, estranho, encantador, imprevisível, familiar, obscuro, estável...</i>
Capacidade	o quão capaz alguém é?	<i>Hábil, imaturo, competente, improdutivo, inteligente, burro, saudável, doente...</i>
Tenacidade	o quão dependente alguém é?	<i>Corajoso, tímido, perseverante, covarde, leal, impaciente, decidido, distraído...</i>

Fonte: Adaptado de SILVEIRA (2012), com base em MARTIN e WHITE (2005),

Os Julgamentos de sanção social, por sua vez, envolvem “[...] regulações, leis sobre como se comportar de acordo com a Igreja e o Estado” (ALMEIDA, 2010, p. 106). Nesse sentido, ainda de acordo com a autora, com base em Martin e White (2005), quando um indivíduo rompe uma sanção social, isto é, quebra uma regra, penalidades devem ser aplicadas para puni-lo. Essa categoria de avaliação pode ocorrer nos âmbitos da veracidade e da propriedade, conforme ilustra o Quadro 2:

Quadro 2: Sanção social

JULGAMENTO DE SANÇÃO SOCIAL		
Veracidade	o quão honesto alguém é?	<i>Verdadeiro, falso, honesto, desonesto, franco, manipulador, direto, discreto...</i>
Propriedade	o quão distante da repreensão alguém está?	<i>Bom, mau, ético, antiético, generoso, imoral, humilde, corrupto, altruísta, injusto...</i>

Fonte: Adaptado de SILVEIRA (2012), com base em MARTIN e WHITE (2005).

Apesar de os exemplos apresentados nos quadros acima (em itálico) ajudarem no entendimento das categorias de julgamentos, é necessário frisar que eles não devem ser levados à risca. Isso porque esses léxicos são avaliativos na medida em que estão inseridos em um determinado contexto. Contudo, existem cenários em que sequer há um léxico avaliativo expresso no discurso. Nesse caso, o julgamento se dá de forma implícita e é denominado, no SA, como *token*, o qual pode evocar a avaliatividade, a depender do contexto.

Portanto, há três tipos de Julgamento: explícito (inscrito), implícito (evocado) e provocado. Esse último, segundo Nunes e Cabral (2013, p. 253), “é intermediário entre o inscrito e o evocado, pois se manifesta mediante alguma forma de linguagem avaliativa, em que há algo vagamente crí-

tico na sentença.”

É, então, por meio dessas ferramentas metodológicas que, na seção de análise, investigamos as avaliações e os julgamentos presentes em manchetes de jornais *online*. Antes, porém, explicamos brevemente, na próxima subseção, o contexto de origem deste trabalho.

3.2. CONTEXTO DE PESQUISA

No dia 20 de maio de 2023, enquanto apresentava o Jornal Hoje, da Rede Globo de televisão, o jornalista Marcelo Cosme, após a exibição de uma reportagem sobre queijos de Minas Gerais, fez um comentário, dizendo que esse alimento não podia faltar em sua casa, principalmente no café da manhã, uma vez que é casado com um mineiro. No entanto, o que parecia ser um simples comentário teve uma discrepante repercussão na mídia. Isso porque diversos sites e portais de notícias *online* divulgaram matérias que não apenas sensacionalizavam a fala de Cosme como também a estranhavam, tratando-a como atípica, a ponto de ser relevante noticiá-la.

Após essa repercussão, Cosme utilizou suas redes sociais e postou um vídeo³ comparando cinco manchetes de notícias que divulgaram sua fala. Nesse contexto, o apresentador expôs sua indignação, mas, sobretudo, problematizou a forma com que sua fala foi reportada nessas matérias, convidando-nos a refletir criticamente sobre o assunto. Assim, após assistirmos ao vídeo de Cosme e pesquisarmos com mais detalhes o teor das matérias, compreendemos o incômodo e a incredulidade do apresentador diante dos julgamentos (ainda que implícitos) contidos nas manchetes.

Movidos, então, pela indignação empática suscitada a partir do vídeo de Cosme, bem como pela necessidade de desontologizar práticas sociais que cerceiam nossa liberdade de ser e de nos expressar, elegemos como objeto de análise deste trabalho as mesmas cinco manchetes dos sites citados pelo apresentador, a fim de investigar por qual razão sua fala foi reportada pelos autores das notícias de forma tão desnaturalizada e onde, especificamente, pode haver avaliações discursivas nas escolhas léxico-gramaticais das manchetes, as quais geraram desconforto não apenas em Cosme como também em nós. Portanto, foram selecionadas manchetes dos seguintes portais de notícias: o jornal *O Tempo* e os sites *Contigo!*, *Aqui tem fofoca*, *BolaVIP Entretenimento* e *Notícias da TV*.

Contudo, é necessário ressaltar que, após a viralização do vídeo publicado por Cosme, os portais *O Tempo*, *Aqui tem fofoca* e *BolaVIP Entretenimento* apagaram as notícias, o que reforça o teor problemático que nelas havia⁴. Apesar disso, antes que as notícias fossem excluídas, um dos autores pôde acessá-las e realizar capturas de tela das manchetes logo que assistiu ao vídeo do apresentador. Esta é uma prática que, enquanto pesquisadores, temos desenvolvido no Grupo de Pesquisa em Análise Sistêmico-Funcional e Avaliação no Discurso⁵, isto é, de olharmos atenta e criticamente

3 O vídeo é público e está nas redes sociais de Marcelo Cosme, podendo ser assistido no seguinte link: <https://www.instagram.com/reel/CsjDBDdgbLR/>. Acesso em: 10 ago. 2023.

4 O site *Aqui tem fofoca*, inclusive, postou uma nota de desculpas, que pode ser lida na íntegra no seguinte link: <https://aquitemfofoca.com.br/2023/05/marcelo-cosme-desculpa/>. Acesso em: 10 ago. 2023.

5 O grupo de pesquisa ASFAD/CNPq está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem,

para a vida social, teorizando-a e buscando criar sobre ela inteligibilidades (MOITA LOPES *et al*, 2006, já explanado nos construtos teórico-reflexivos deste trabalho). Nossa análise, portanto, segue abaixo.

4. ANÁLISE DAS MANCHETES

A análise das manchetes está dividida em duas subseções, sendo que a primeira aborda a temática das manchetes enquanto gênero de texto e a segunda trata dos julgamentos presentes nas escolhas léxico-gramaticais feitas pelos autores das notícias selecionadas.

4.1. AS MANCHETES COMO GÊNERO DE TEXTO

A escolha de análise específica das manchetes e não do corpo textual das notícias se justifica por dois motivos: (i) as manchetes são o primeiro nível informativo de uma notícia (GÓMEZ MONPART, 1982 *apud* CAMPOS, 2012) e (ii) na atualidade, as manchetes podem ser encaradas como um gênero de texto. Isso ocorre porque, com a dinâmica da vida social contemporânea, a qual se tornou globalizada e hipersemiotizada (MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2019), as informações circulam com tamanha velocidade, nas redes sociais, que muitos de nós nos informamos através de manchetes em vez de lermos uma notícia na íntegra (CAMPOS, 2012). Sendo assim, ainda conforme Campos (2012, não paginado), mais do que leitores do gênero de texto notícia, “somos leitores de manchetes, pois essas encabeçam as notícias”.

À vista disso, de acordo com Rajagopalan (2003), uma notícia, antes de ser publicada, tem seus termos escolhidos cuidadosamente, e são essas escolhas camufladas que formam a opinião pública a respeito de indivíduos, lugares, acontecimentos etc. Logo, mesmo que implícitos, há nas manchetes posicionamentos de valor (THOMPSON; HUNSTON, 2000) de quem as redigiu, e é sobre eles que, finalmente, nos debruçamos a seguir.

da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, coordenado pela profa. Dra. Adriana Nogueira Accioly Nóbrega, e seus membros desenvolvem trabalhos em análise do discurso em contextos pedagógicos, profissionais e cotidianos, alinhados à perspectiva da Linguística Sistemico-Funcional.

4.2. JULGAMENTOS NAS MANCHETES SELECIONADAS

Figura 1: Momento íntimo.



Fonte: Captura de tela pelos autores (2023).

Podemos inferir que, na manchete do site *Aqui tem fofoca*, o comportamento do apresentador Marcelo Cosme é julgado negativamente. Isso porque o autor da matéria evidencia a ação do jornalista, que é tida como atípica, pois, segundo a manchete, Cosme compartilhou um “*momento íntimo*” enquanto trabalhava. Nesse sentido, a estranheza com relação à conduta de Cosme é tamanha a ponto de ser relevante noticiá-la. Sendo assim, a avaliação presente na manchete caracteriza julgamento implícito negativo de estima social do tipo normalidade, ou seja, quando Cosme comenta que come queijo no café da manhã com o marido (situação corriqueira para muitas famílias brasileiras), seu comportamento é julgado como não normal, seja devido à quebra com a expectativa de impessoalidade, que tradicionalmente é esperada de um apresentador de jornal; seja devido à revelação de que sua configuração familiar não corresponde ao padrão heteronormativo cristalizado como natural na sociedade.

Também destacamos, na manchete em questão, a escolha do léxico “*entenda*”, o qual confere excepcionalidade ao evento noticiado. Em outras palavras, se é necessário que uma notícia seja publicada para explicar algum acontecimento, podemos inferir, por exemplo, que esse evento é de difícil compreensão ou que é excêntrico, já que seu entendimento só é dado por meio de uma notícia. Além disso, poderíamos analisar até mesmo o nome do portal de notícias em questão, bem como o conteúdo do corpo textual da matéria, que revela o tom sensacionalista no qual se pauta esse site.

No entanto, se esse fosse apenas um caso de sensacionalismo, isto é, de hiperbolização e distorção dos fatos para atrair mais leitores, não encontraríamos exemplos semelhantes em portais de notícias cujos vieses editoriais são outros. Ocorre que sites como o jornal diário *O Tempo*, de Minas Gerais, por exemplo, também noticiaram o comentário de Marcelo Cosme, o que podemos observar abaixo, na Figura 2.

Figura 2: Intimidade.

Fonte: Captura de tela pelos autores (2023).

É possível notar que a manchete do jornal *O Tempo*, aparentemente neutra, também camufla um julgamento, uma vez que, ao referenciar como “*intimidade*” um comentário que deveria ser recebido com naturalidade — e que, talvez, se tivesse sido feito por algum/a jornalista heterossexual, sequer seria noticiado —, o autor da matéria imprime sua avaliação sobre o fato. Por isso, entendemos que essa avaliação confere um julgamento implícito negativo de estima social de normalidade.

Nesse contexto, é importante ressaltar que, como já mencionado, as escolhas léxico-gramaticais feitas pelos autores das manchetes não se dão ao acaso, mas são, na realidade, criteriosamente selecionadas, pois objetivam convencer o público a ler o conteúdo das notícias na íntegra. Sendo assim, “[à] medida que o leitor vai se acostumando ao rótulo, deixa de perceber que a descrição não passa de uma opinião avaliativa. Como todas as opiniões avaliativas, esta também comporta um outro lado.” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 87).

Olhando, então, para o outro lado, trazemos a voz de Marcelo Cosme que, em seu livro *Talvez você seja: desconstruindo a LGBTfobia que você nem sabe que tem*, de 2021, já havia refletido sobre questões relacionadas à exposição de sua sexualidade na mídia. Nesse sentido, indaga o jornalista:

Por que meus colegas de trabalho podem dizer “meu marido” e “minha esposa”, mas eu não posso? Eu lido com credibilidade, com verdade, com responsabilidade diariamente, há mais de vinte anos, exercendo o jornalismo profissional e sério em que acredito. Então, eu estaria omitindo, mentindo, sendo falso e até irresponsável ao não falar que “sim, tenho um namorado!”. (COSME, 2021, p. 162-163)

Outro veículo de comunicação, o site *Contigo!* (Figura 3), também viu no comentário de Cosme alguma expressividade e/ou pertinência para que fosse noticiado. De maneira semelhante aos autores das manchetes analisadas anteriormente, o autor da matéria do site *Contigo!*, além de sensacionalizar o comportamento do apresentador, também o referencia como sendo algo excêntrico, o que se nota a seguir.

Figura 3: Se empolga.

contigo! BBB 23 Carnaval Novelas Exclusivas Famosos TV Críticas

FAMOSOS / EITA!

Apresentador da Globo se empolga e expõe intimidade com marido: "Quem não gosta?"

Ao vivo, apresentador da Globo Marcelo Cosme se empolga e dá detalhes de intimidade com o maridão durante o 'Jornal Hoje'

por **Matheus Aguiar**
maguiar_colab@caras.com.br
Publicado em 20/05/2023, às 15h44



Fonte: Captura de tela pelos autores (2023).

A partir dessa manchete, é possível interpretarmos que a escolha do verbo *empolgar* indica que, para o autor da notícia, Marcelo Cosme excedeu-se ao realizar o comentário, expondo sua “*intimidade*” com o marido. É por isso que entendemos que, na manchete em questão, há uma avaliação implícita, a qual configura julgamento negativo de estima social do tipo normalidade. Dito de outra forma, o apresentador tem seu comportamento julgado (seja profissional ou pessoalmente), porque, na visão do autor da notícia, Cosme se descomediou e expôs algo íntimo, que, justamente por ser particular/privado, não deveria ser compartilhado com o público telespectador.

Dessa forma, essa manchete atua para o rebaixamento de Cosme na estima dos leitores do site, ao avaliar seu comportamento de maneira negativa. Isso porque, em um contexto mais amplo, a performance discursiva de Cosme segue na contramão do discurso hegemônico e essencializado que se espera ouvir de um apresentador de jornal. É necessário, portanto, olhar com criticidade não somente para notícias como essa, como também para nossas práticas sociais cotidianas, as quais são capazes de normatizar determinados indivíduos, atitudes, situações etc., tratando-os como normais e/ou essenciais, ao passo que estranha e marginaliza outros, como evidenciou esta análise.

A seguir, identificamos outra manifestação de julgamento na manchete do site *BolaVIP Entretenimento* (Figura 4).

Figura 4: Ignora protocolo.

NOTÍCIAS MAIS RECENTES BRASILEIRÃO LIBERTADORES SUL-AMERICANA SELEÇÃO BRASILEIRA EUROPA ENTRETENIMENTO PROGNÓSTICOS

ENTRETENIMENTO

Apresentador da Globo 'ignora' protocolo ao vivo e revela intimidade curiosa com o esposo durante o Jornal Hoje: "Casado com um mineiro"

Marcelo Cosme não perdeu a oportunidade de comentar sobre uma matéria do estado de Minas Gerais, estado de seu marido

- Antonio Fagundes manda indireta para a Globo ao participar do júri do Dança dos Famosos
- Livia Andrade não aparece no Domingão, fãs questionam na web e ela explica motivo do sumiço

Por **Ysac Freitas**
20/05/2023 - 16:42hs BRT



Fonte: Captura de tela pelos autores (2023).

As escolhas léxico-gramaticais do autor da notícia nos possibilitam perceber que o apresentador Marcelo Cosme teve sua conduta profissional julgada negativamente. Essa avaliação é evidenciada pela expressão “*ignora’ protocolo*”, a qual não apenas aponta o descumprimento de uma norma por parte do apresentador (expresso pelo léxico “*ignora*”, que indica a desconsideração intencional de algo), como também sugere que sua postura profissional foi antiética, uma vez que, segundo a manchete, Cosme quebra uma regra e torna público um fato pessoal ao “*revela[r] intimidade curiosa*”. Mas o que há de curioso na fala de Cosme? Parece-nos, nesse contexto, que o léxico usado na manchete estabelece relação de sinonímia com vocábulos como “inesperada” e “incomum”, o que confere surpresa e até mesmo estranhamento à fala do apresentador.

Sendo assim, compreendemos que a avaliação presente na manchete caracteriza julgamento negativo de sanção social de propriedade no âmbito da ética, pois o comportamento de Cosme não corresponde ao que o autor da notícia espera de um bom profissional. Isso porque, conforme afirma a manchete, o apresentador desconsiderou uma norma da empresa onde trabalha para revelar um fato pessoal, que, por sua vez, era inusitado.

No entanto, Cosme (2021) já havia relatado que, quando citou o namorado pela primeira vez, em um jornal ao vivo e com alcance nacional, não houve surpresa entre seus colegas de trabalho. Em vez disso, segundo o apresentador, ao sair do estúdio, sua equipe o recebeu de forma natural e com elogios. Além disso, Cosme também menciona a reação de um dos seus chefes:

Dias depois, um dos meus chefes, no meio de outra conversa, me disse casualmente: “Ah! Quando você falou sobre o seu namorado no jornal, uma amiga me mandou mensagem dizendo que achou o máximo. É isso aí, temos que normalizar!” (COSME, 2021, p. 22).

Na próxima manchete (Figura 5), do site *Notícias da TV*, podemos observar outras escolhas léxico-gramaticais que também evidenciam avaliação.

Figura 5: Escancara.



The screenshot shows the top section of a news website. At the top, there is a navigation bar with the 'uol' logo and links for 'INGRESSO.COM', 'UOL HOST', 'PAGBANK', 'PAGSEGURO', 'CURSOS', and 'UOL PLAY'. To the right are search, 'BATE-PAPO', and 'EMAIL' options. Below this is a secondary bar with a menu icon, a search icon, the 'notícias da tv' logo (with 'por Daniel Castro' underneath), and social media icons for Facebook, Twitter, Instagram, YouTube, and TikTok. A red horizontal line separates this from the main content area, which starts with the word 'Televisão' in red. Below that, the author's name 'MARCELO COSME' is displayed in red. The main headline is 'Após censura a beijo lésbico, apresentador da Globo escancara intimidade com marido' in large, bold black text.

Fonte: Captura de tela pelos autores (2023).

Nessa manchete, o autor optou por vincular à notícia sobre Cosme outra notícia relacionada a uma suposta censura, ainda que não haja conexão imediata entre os assuntos. Isso porque o autor da matéria alega que, após a Rede Globo de televisão censurar beijos lésbicos em suas produções audiovisuais, o apresentador Marcelo Cosme teria aproveitado a visibilidade do jornal para

“fazer um aceno” à comunidade LGBTQIA+, ao comentar sobre o marido⁶.

Nesse sentido, a escolha léxico-gramatical do verbo *escancarar* dá a entender que o apresentador expôs, de forma subversiva, detalhes sobre sua vida particular. Logo, essa avaliação revela um julgamento de sanção social de propriedade no âmbito da ética, já que a manchete sugere uma conduta de afrontamento por parte de Cosme à empresa em que trabalha. Ademais, assim como os autores das outras manchetes analisadas, o autor da notícia em questão também se referiu ao comentário de Cosme como sendo algo íntimo revelado em um contexto de trabalho, o que contribui para o entendimento de que o comportamento ético do apresentador foi julgado negativamente.

5. DISCUSSÃO E REFLEXÕES FINAIS

Apesar de não serem o foco deste estudo, é válida uma breve reflexão acerca dos perfis dos portais analisados, do corpo textual das notícias e do público-alvo delas. Trata-se, em sua maioria, de sites de fofocas, cujos conteúdos centram-se nas vidas de famosos da televisão, o que fica evidente tanto nas manchetes — com exceção de uma que menciona o nome de Cosme, todas as demais se referem a ele como apresentador, enfatizando sua função profissional e seu *status quo* —, quanto nos títulos dados às colunas (“*famosos/eita!*”, “*entretenimento*”, “*TV e bastidores*” etc.). Observamos, ainda, que a postura adotada pelos autores desses portais é a de quem não somente monitora o comportamento dos famosos como também é capaz de torná-lo um produto de entretenimento. Logo, os leitores a que se destinam tais notícias correspondem àqueles que buscam saber sobre pessoas públicas a partir de informações superficiais e estereotipadas, as quais espetacularizam a vida e normatizam sujeitos.

Notícias e manchetes como as analisadas neste trabalho são redigidas e publicadas diariamente, seja na internet, seja no jornal impresso. A existência delas, se observada por um contexto macrossocial, deve-se ao preconceito enraizado e essencializado em nossas práticas sociais e discursivas, o qual violenta de inúmeras formas pessoas LGBTQIA+. No caso do apresentador Marcelo Cosme, a análise evidenciou as avaliações e os julgamentos negativos no que concerne à sua ética profissional e à sua família, que é vista como excêntrica e atípica, passível de ser noticiada, lida e opinada por diversos leitores em diferentes portais de notícias.

O esforço empreendido para descortinar as avaliações e os julgamentos presentes nas manchetes que noticiaram o comentário feito pelo apresentador e jornalista Marcelo Cosme aponta a necessidade de desessencializarmos nossas práticas sociais e discursivas, em prol da construção de um mundo contemporâneo que aprecie a diversidade e que respeite as vidas de pessoas LGBTQIA+. Nossa análise indica que as manchetes refletem o posicionamento de seus autores no que se refere ao comportamento de Cosme. Para a realização de uma análise mais precisa, lançamos mão do Sistema de Avaliatividade, no prisma da Linguística Sistêmico-Funcional, e pudemos observar as avaliações negativas construídas majoritariamente por meio de julgamentos implícitos, tanto no

⁶ Para ler a matéria completa, conferir o link nas referências.

âmbito da estima social quanto no da sanção social. Isso significa que o comentário de Cosme foi julgado como não normal — por revelar que sua família não corresponde à configuração essencializada como ideal familiar —, além de antiético, porque é interpretado como uma conduta transgressora, que não condiz com a desejável de um bom profissional.

Na esteira dos estudos queer em Linguística Aplicada, foi possível observar que essas manchetes movimentam um discurso mais amplo, que, em um contexto macrossocial, constrange performances tidas como desviantes, isto é, aquelas que se distanciam de comportamentos heteronormativos. Nesse sentido, devido ao fato de Cosme, em sua performance discursiva, quebrar com a expectativa hegemônica heteroafetiva e heteronormativa esperada de um apresentador de uma emissora de televisão com alcance nacional, sua conduta é rebaixada socialmente na medida em que é julgada de forma negativa na estima da comunidade leitora dos portais de notícias. São, então, notícias como essas que, mesmo implicitamente, movimentam discursos LGBTfóbicos, os quais são capazes de moldar práticas sociais e comportamentos que oprimem diariamente pessoas LGBTQIA+.

Sendo assim, enquanto esses casos ocorrerem no mundo contemporâneo, a necessidade de trabalhos como este será justificada. É por isso que concordamos com Cosme (2021, p. 192) quando afirma que “[e]nquanto nos espantarmos com o cara da TV falando que é gay, com o governador falando que é gay, a governadora falando que é lésbica; precisamos falar”. Esperamos, portanto, que este trabalho contribua para o combate de práticas sociais e discursivas que estranham determinadas performances enquanto naturalizam outras e esperamos que inspire outras pesquisas acerca dessa questão. Nesse sentido, nossa luta é para a desessencialização dessas práticas e, consequentemente, para a *queerização* da sociedade contemporânea, o que significa escancarar preconceitos, em um movimento centrípeto, cujas forças dos que estão socialmente à margem movam-nos para os centros dos debates.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Matheus. Apresentador da Globo se empolga e expõe intimidade com marido: “Quem não gosta?”. *Contigo!*, 20 mai. 2023. Disponível em: <https://contigo.uol.com.br/noticias/famosos/apresentador-da-globo-se-empolga-e-expoe-intimidade-com-marido-quem-nao-gosta.phtml>. Acesso em: 22 mai. 2023.

ALMEIDA, Fabíola. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. In: VIAN JR, O.; SOUZA, A.; ALMEIDA, F. (Org). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 99-112.

ALOISIO JUNIOR. Marcelo Cosme compartilha momento íntimo com o marido durante o Jornal Hoje; entenda. *Aqui tem fofoca*, 20 mai. 2023. Disponível em: <https://aquitemfofoca.com.br/2023/05/marcelo-cosme-compartilha-momento-intimo-com-o-marido/>. Acesso em: 22 mai. 2023.

BARBARA, Leila; MACÊDO, Celia M. Linguística Sistêmico-Funcional para a análise de discurso: um panorama introdutório. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 10, p. 89-107, 2009. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/9278/8227>. Acesso em: 14 ago. 2023.

BORBA, Rodrigo. Linguística queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. *Revista Entrelinhas*, v. 9, n. 1, jan./jun., p. 91-107, 2015. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/10378/4862>. Acesso em: 14 ago. 2023.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1990] 2018.

CAMPOS, Rodrigo da Silva. Marcas de subjetividade nas manchetes de um jornal popular: possíveis implicações para um perfil de leitor. In: *III Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional Discurso, Identidade e Sociedade*. Campinas. Dilemas e desafios na contemporaneidade. Campinas: Unicamp Editora, 2012. Disponível em: https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/CAMPOS_RODRIGO_DA_SILVA.pdf. Acesso em: 14 ago. 2023.

CASTRO, Daniel. Após censura a beijo lésbico, apresentador da Globo escancara intimidade com marido. *Notícias da TV*, 20 mai. 2023. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/apos-censura-a-beijo-lesbico-apresentador-da-globo-escancara-intimidade-com-marido-102847>. Acesso em: 22 mai. 2023.

COSME, Marcelo. *Talvez você seja: desconstruindo a LGBTfobia que você nem sabe que tem*. São Paulo: Planeta, 2021.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 46-65.

FAIRCLOUGH, Norman. *Media discourse*. Londres: Edward Arnold, 1995.

FREITAS, Ysac. Apresentador da Globo ‘ignora’ protocolo ao vivo e revela intimidade curiosa com o esposo durante o Jornal Hoje: “Casado com um mineiro”. *BolaVIP Entretenimento*, 20 mai. 2023. Disponível em: <https://br.bolavip.com/amp/entretenimento/Apresentador-da-Globo-ignora-protocolo-ao-vivo-e-revela-intimidade-curiosa-com-o-esposo-durante-o-Jornal-Hoje-Casado-com-um-mineiro-20230520-0068.html>. Acesso em: 22 mai. 2023.

HALLIDAY, Michael. A. K.; MATTHIESSEN, Christian. *An introduction to functional grammar*. 4th. edition, London: Arnold, 2014.

IKEDA, Sumiko N. O julgamento na argumentação de um editorial. In: VIAN JR, O.; SOUZA, A.; ALMEIDA, F. (Org.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p.167-188.

MARTIN, James R.; WHITE, Peter R. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MOITA LOPES, Luiz Paulo; FABRÍCIO, Branca Falabella. Discurso como arma de guerra: um posicionamento ocidentalista na construção da alteridade. *D.E.L.T.A.*, 21 especial, p. 239-283, 2005.

MOITA LOPES, Luiz Paulo; FABRÍCIO, Branca Falabella. Por uma 'proximidade crítica' nos estudos em Linguística Aplicada. *Calidoscópio*, v. 17, n. 4, p. 711-723, dez., 2019.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. (Org.). *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Gênero, sexualidade, raça em contextos de letramentos escolares. In: _____ *Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 227-247.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. (Org.). *Estudos queer em linguística aplicada INdisciplinar: gênero, sexualidade, raça e classe*. São Paulo: Parábola Editorial, 2022.

NUNES, Glívia G.; CABRAL, Sara Regina S. Avaliatividade e julgamento: uma análise de texto. *Nonada: Letras em Revista*, v. 1, n. 20, p. 249-265, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512451670016.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2023.

OSMAN, Mohamed. Apresentador da Globo fala sobre intimidade com o marido. *O Tempo*, 20 mai. 2023. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/entretenimento/televisao/apresentador-da-globo-fala-sobre-intimidade-com-o-marido-1.2872989>. Acesso em: 22 mai. 2023.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 67-83.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAMPTON, Ben. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 110-128.

SILVEIRA, Fernanda Vieira da Rocha. *Ressignificando a ansiedade na aprendizagem e uso de línguas estrangeiras através das crenças: um estudo exploratório*, 2012, 300 f., (Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem), Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012.

THOMPSON, Geoff; HUNSTON, Susan. Evaluation: an introduction. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (ed.). *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 1-27.

VAN DIJK, Teun A. Opinions and ideologies in the press. In: BELL, Alan; GARRETT, Peter (Ed.). *Approaches to media discourse*. Oxford: Blackwell, 1998, p. 21-63.

VIAN JR, Orlando; SOUZA, Anderson; ALMEIDA, Fabíola. (Org). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

VIAN JR, Orlando. O Sistema de Avaliatividade e a linguagem da avaliação. *In: VIAN JR, O.; SOUZA, A.; ALMEIDA, F. (Org). A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 19-29.

Submissão: 28/08/2023

Aceite: 02/12/2023